



# RAÇA E CLASSE NA PROBLEMÁTICA DA FRELIMO

A explicação das formas que o racismo assumiu no nosso país como produção ideológica do sistema colonial, a apresentação de uma crítica do «multirracismo» assinalando as contradições da ideologia racista e, fundamentalmente, a descrição, análise e explicação do processo revolucionário através do qual se desenvolveu uma consciência de classe anti-racista no seio do movimento de libertação nacional em Moçambique, foram os principais pontos abordados por Aquino de Bragança numa palestra subordinada ao tema «Raça e Classe na Problemática da FRELIMO», dirigida aos estudantes da Universidade Eduardo Mondlane, realizada no passado dia 23 de Setembro.

Num discurso claro e profundo onde não faltaram recortes de bom humor, nomeadamente através de citações dos principais defensores da ideologia racista e comentários seus, este professor da Universidade e Director do Centro de Estudos Africanos, conseguiu prender a atenção de mais de 300 pessoas durante cerca de duas horas.

Como afirmou Aquino de Bragança na sua introdução ao tema, o objectivo era levar os jovens, os estudantes, a conhecer o passado que ilumina o nosso futuro a prosseguir o combate pela criação de uma nação anti-racista no continente africano. Como disse, «o próprio facto de serem jovens e já estar enterrado este período triste da noite colonial, pelo facto de viverem uma outra vida, uma vida melhor» os jovens ignoram uma parte da sua história e estão alheios do problema. Trata-se portanto de estudar e conhecer a história para agir na sociedade, enfrentando problemas de racismo que eventualmente existam.

Neste sentido, durante o debate no final da palestra registaram-se as intervenções do Ministro da Informação, José Luís Cabaço, que descreveu o que era a cidade colonial e afirmou que, pelo facto de sermos ainda portadores da superestrutura ideológica do passado colonial, o combate contra o racismo é permanente; e de Hélder Martins, antigo professor do Instituto Moçambicano em Dar-es-Salaam, que descreveu os manobras racistas levadas a efeito pela linha reaccionária, entre os estudantes daquela escola, durante a crise de 1968.

## O MULTIRACIALISMO

No seu trabalho, aquele estudioso da história da FRELIMO deu uma contribuição para a história da ideologia colonial portuguesa, considerada racista como todas as ideologias coloniais dos restantes países europeus, pois, «o racismo é consubstancial ao colonialismo, ao neo-colonialismo e mesmo ao capitalismo».

Portanto, para o conferencista, o «multirracismo» surge como uma forma tardia da ideologia colonial portuguesa, nos anos 1950/60, altura em que Portugal precisou de mostrar uma nova imagem, deturpada, é claro, do seu sistema colonial como sendo diferente dos restantes sistemas coloniais, para justificar a sua incapacidade de se adaptar a uma nova situação histórica.

Neste período em que foi criado o Movimento dos Não-Alinhados em Bandung e em que Portugal foi admitido nas Nações Unidas, já era francamente contestada a dominação colonial, ao nível africano e internacional, e os ideais nacionalistas tinham-se transformado numa força política que conduziu muitos povos à independência. Enquanto as outras potências colonialistas se preparavam para a dominação neo-colonial, oferecendo independências de «bandeja» às classes africanas suas aliadas, Portugal limitou-se a adaptar a sua ideologia colonial à nova situação.

Como afirmou, «a história começa a mudar e há uma mutação semântica na língua, no linguagem, na maneira de dizer e falar, a partir dos anos 55, com Franco Nogueira, um dos grandes teóricos desta corrente».

Inspirada no luso-tropicalismo de Gilberto Freire a ideologia multirracista sustentava que Portugal não era racista, porque tinha criado «condições especiais para se entender com gente de cores: negros e outros».

Mas, para demonstrar que se vivia de facto um conflito agudíssimo de raças em Moçambique na altura do levantamento armado, Aquino de Bragança, depois de referir que quase todos nós fomos testemunhas do racismo, divulgou extractos do relatório de Jorge Dias, antropólogo português enviado para investigar a situação que se vivia na região ocupada por populações macdonas. No essencial, os extractos lidos mostram que os moçambicanos preferiam viver na Tanzânia e relacionar-se com os colonos britânicos: «porque os brancos conseguiram espalhar o terror na região, por necessidade de arranjar mão-de-obra, por ignorância e crueldade».

## A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DA FRELIMO

A linha política da FRELIMO formulou uma resposta à situação colonial e, portanto, a este aspecto fundamental do aparelho ideológico do estado colonial que é o racismo. Essa resposta implicou o desenvolvimento de uma consciência de classe anti-racista no seio das massas, o que foi conseguido através de uma acção pedagógica de mobilização revolucionária por parte da direcção da FRELIMO ao difundir novos conceitos no seio do povo e dos combatentes, apro-



AQUINO DE BRAGANÇA: UMA PALESTRA VIVA SOBRE A LUTA ANTI-RACISTA DA FRELIMO

veitando todas as situações concretas — as vitórias e os reveses — em que o problema da raça se manifestou no decurso da longa caminhada para a independência nacional.

Conforme salientou o conferencista, foi muito importante o papel desempenhado pelos principais dirigentes no seio da FRELIMO.

A atitude quase empírico-crítica deste «grupo de pressão» baseada no método em que «a teoria inspira-se da prática e volta à prática, inspira-se na luta concreta dos compositores enquadrados pelas FPLM contra o sistema», nasceu o pensamento marxista em Moçambique.

Os elementos deste «grupo de pressão», os dirigentes, entram com novas ideias e têm força para avançar, para ir além das massas, mas nunca se afastam delas. Precisamente, foram introduzidas ferramentas ideológicas para analisar a situação e elaborar a estratégia e técnica da luta:

A ideia de sistema, de sistema colonial, na definição do inimigo. A luta não é dirigida contra o povo português, mas pela liquidação total do sistema colonial português.

A ideia de povo. Nunca é utilizada na literatura da FRELIMO a expressão «povos de Moçambique». Porquê? Responde o conferencista citando Marcelino dos Santos: «povos consagraria o passado».

A ideia de nação, oposta à divisão tribal. A opinião de Mondlane sobre o livro de Junod é citada: «é preciso ter cautela a ler o livro de Junod, porque introduz os bantus como raça. Não é nada raça: é língua. Veículo uma cultura, uma civilização, e é nessa perspectiva que é preciso ler, porque se dissermos que os bantus são raça, então vamos ter o pluri-racismo aqui».

A ideia de exploração do homem pelo homem, um conceito que o «pé descal-

ço» compreende perfeitamente e que, conforme salientou Aquino de Bragança, representa à partida a posição de classe do pequeno grupo de vanguarda.

A crítica das independências outorgadas. Este grupo já tem uma cultura, já tem o conhecimento do que são as independências «oferecidas» pela potência colonial. Nessas independências herdadas o aparelho de estado colonial e não é possível colocar esse aparelho ao serviço do povo.

A ideia de socialismo. Diz-nos Aquino que «houve uma crítica de esquerda de Nkrumah: não ao socialismo de topal».

Se a própria dinâmica interna da FRELIMO leva a ultrapassar o conflito entre o ocupante e o ocupado, entre o colonizador e o colonizado, e ganha uma perspectiva anti-capitalista, naturalmente a luta situa-se numa perspectiva socialista e com os países socialistas, que se definem logo como nossos aliados naturais. Mas as ricas experiências dos países socialistas são analisadas criticamente para não se repetir em seus erros.

## O PENSAMENTO COMUM

A necessidade de abrir a frente armada leva a direcção da FRELIMO a reflectir seriamente sobre o espontaneísmo, o racismo e sobre a preparação técnica e política dos quadros.

A este respeito, Aquino de Bragança fez notar a contribuição fundamental do Presidente Samora que, já em 1964, organiza cursos intensivos em termos políticos para estruturar as FPLM militarmente, com uniformidade de treino e concepção. Recebendo preparação militar em diversos países (Argélia, Egipto, China, Gana, União Soviética, etc) os combatentes eram integrados nesses cursos de modo a criar um pensamento comum, aos níveis militar e político.

Como foi afirmado, quando existe este pensamento comum, «já temos uma ideologia que está longe do tradicional-nacionalismo» e a FRELIMO é já um movimento de tipo novo, com capacidade de ultrapassar as diferenças tribais e regionais.

## A REDEFINIÇÃO DO INIMIGO

Houve também uma reflexão crítica sobre o problema da raça, nomeadamente sobre a experiência de Angola onde, de início, «o levantamento varre a administração portuguesa. Começam por matar todos os brancos, depois os assimilados, depois elementos de outras etnias e, finalmente, os outros bakongos que não pertenciam ao clã de Holden Roberto. Com a reconquista, os portugueses provavelmente ocuparam Angola muito mais a fundo do que antes».

Já em 1964 aparece, numa declaração do Comité Central, que o inimigo é o sistema colonial. O alvo não é o branco, o cantineiro, o padre. É o soldado que simboliza o sistema.

Definido claramente o inimigo, a guerra desenvolve-se e os portugueses são obrigados a abandonar o território. Nestas áreas libertadas tinha sido destruído o aparelho de estado colonial: a administração, a polícia, a escola, o igreja. Era necessário organizar a sociedade em moldes novos, isto numa perspectiva de classe de alargar o poder e fazer participar as massas.

Foi neste caminho para o poder que as massas identificaram os novos exploradores que se queriam substituir aos colonialistas, redefiniram o inimigo e a questão da raça deixou definitivamente de se colocar como um problema principal.